



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RGN

22 de Junho de 1996 • Ano LIII — N.º 1364
Preço 30\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

MAIS UM LIVRO

«Um grande educador português do século XX»

É o vigésimo terceiro da nossa Editorial — com o título acima, bem expressivo.

Autor: Dr. João Evangelista Loureiro que o deixou alinhavado, no seu espólio, «em parte manuscrito e noutra já dactilografado». Amplia uma obra com o timbre da Universidade de Lourenço Marques (Moçambique) e uma outra, esgotada: «Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico do Padre Américo» — resumo da sua tese de doutoramento na Universidade de Louvain (Bélgica).

Estas obras do Dr. Loureiro, para além do mais, inclusivé pelo seu amor ao Ensino, também têm interesse didáctico.

Postais RSF

No corpo das próximas edições d'O GAIATO incluiremos postais RSF (resposta sem franquia) para os Leitores utilizarem como requisição.

Júlio Mendes

Trabalho Infantil

Gostaríamos de ter notícias do grupo criado para combater este complexo problema

HÁ duas quinzenas tomámos este tema da notícia em jornal diário de uma reunião de trabalho de representantes de vários ministérios por que passam, certamente, achegas à solução deste complexo problema; e gostaríamos de ir tendo novas do trabalho produzido. Trata-se de um grupo especialmente criado para o combate ao trabalho infantil, portanto empenhado em continuidade até que se encontrem remédios, sobretudo modos eficientes de os aplicar. Penso que seria salutar para o êxito deste bom combate; e tornaria credíveis acções desta natureza junto de um público desconfiado de que não se fiquem elas por meia dúzia de con-

clusões académicas e no resto... «tudo como dantes».

A Comunicação Social é o veículo próprio, como já foi, de tais notícias. E bem era que a ocupassem mais na divulgação de diligências, como esta, para corrigir erros, no manter actualizado o conhecimento e o interesse sobre a evolução de males por cuja cura se luta — para que ela, Comunicação, se consumisse menos na procura mórbida de erros e males que, se reais, não remedeia e, tantas vezes, são forçados ou deturpados por segundas intenções.

Não se estranhe este nosso sentir. O conceito de jornalismo que Pai Américo praticou e nós herdámos, exprimiu-o ele assim: «Eu cá, quando denuncio, é para remediar; já estou remediando». E nesta mente, o que se não tem feito para edificação de uma sociedade menos imperfeita — o que passa, necessariamente, por um grande esforço de aperfeiçoamento dos homens!

O papel da Escola

Reflectimos já sobre o papel que a Escola pode e deve desempenhar no combate ao trabalho infantil — se houver uma profunda reforma que a torne, com a família, agente principal da educação, da qual a instrução é parte, a parte que especialmente lhe cabe. Instrução séria, realista, com espaços diversos em que cada um possa voar consoante as asas que tiver, mas onde se voe mesmo para metas definidas e seguras em que, a breve prazo, cada qual há-de pousar. Uma Escola que ocupe e não apenas entretenha. Uma Escola que se respeite e crie respeito por si. Esta Escola, que nos nove primeiros anos se declara obrigatória — e bem! — tem mesmo de sê-lo, sob pena de se desrespeitar.

Ora, a pensar neste ponto, foi que dissemos «que não seria descabida a presença do ministério da Administração

Continua na página 2

CALVÁRIO

Contemplar a harmonia da Natureza

TENHO papel diante de mim para nele escrever não sei bem o quê.

Deito a mão à caneta, que tenho no bolso do casaco, e presa nela vem uma pena azul celeste, listada de branco. É a pena dum periquito que ontem apanhei.

Ao chegar às instalações do gado, para ver os rapazes cuidarem dos animais, dou com um periquito azul a trepar nas paredes de granito da nossa vacaria. Ele olha para mim com compaixão. Não foge. Parece mesmo desejar que o tome nas minhas mãos. E assim faço. Sem o assustar, ponho-lhe um dedo na frente e ele trepa com uma pata de cada vez. Guardo-o no bolso do casaco.

Dou as voltas do costume pela vacaria onde é hora de ponta. Azáfama por todo o lado. A máquina de vácuo suga o leite. Os rapazes servem a ração. Outros vão pelo milho ensilado. Alguns trazem baldes de leite convertido para os vitelos. Outros ainda com palha nos braços para os novinhos mais novos. Uma azáfama. Uma rotina diária que parece não cansar estes rapazes.

É delicioso ver a labuta deste momento, feita com rapazes destes. Cada qual importante no seu posto.

Subo à área da cozinha, onde temos uma gaiola circular, repleta de rolas brancas e cinzentas. Abro a porta de rede, tiro o periquito do bolso do casaco e solto-o para o

meio das rolas. Estas quietam-se a olhar o novo hóspede. Como que estranhando na própria casa o periquito esvoaça, salta de galho em galho e coloca-se no meio de duas rolas. Encosta-se a uma delas e fica também ele em sossego.

Que acolhimento, meu Deus!

Se os homens assim fossem uns para os outros! Tais como são, serenas e modestas, estas rolas recebem com simplicidade o intruso.

E nós tão complicados, por vezes, para receber alguém no nosso meio! Complicamos tanto as coisas, que causamos até mau estar a quem desejamos receber bem, distintamente. Creio que o grande princípio para um bom acolhimento é a simplicidade. É mesmo a porta aberta para bem receber alguém.

E estas rolas tão simples no receber! Cristo bem o notou quando nos disse que fôssemos simples como as pombas, que o mesmo é dizer das rolas, talvez mais simples ainda.

Foi pois com simplicidade que elas receberam, e tão bem, o periquito. Os nossos rapazes têm aqui uma aula viva de acolhimento, de confraternização. E certamente vão passar aqui momentos de beleza a contemplar a harmonia da Natureza.

Padre Baptista



Uma rotina diária que parece não cansar estes rapazes

Moçambique

PASSOU o Dia Internacional da Criança. Um pretexto louvável das Nações Unidas para reclamar atenção para elas. Mas quem são elas? Nos países desenvolvidos, uma espécie em extinção. Lá onde se fazem leis de protecção da fauna, cujas espécies, nalguns casos, nem parte fazem do património geográfico, produzem-se também outras que defendem o viver das elites, permitindo aberrações do comportamento humano que, por extensão, são causa e efeito de deserdados da sorte.

Nos países em desenvolvimento já não se cala louvavelmente a injustiça do trabalho infantil, mas calam-se as causas e também os efeitos do viver degradante de tanta gente que, por norma, mora em barracas, dentro ou fora das grandes cidades e constitui a parcela da população chamada vulnerável, situada entre a miséria e a pobreza sofrida, que todavia também não é pobre em vícios, nem há moral que em tais circunstâncias se imponha. As crianças estão aí. Um mundo delas, cuja única vantagem é constituir equilíbrio nos índices demográficos. Apesar disso, há quantos anos em Portugal morre mais gente do que nasce? Para quê o racismo escondido, algoz daqueles que serão daqui a um século a grande percentagem de portugueses?

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

LIMIAR DA MISÉRIA — Recentemente, um matutino de grande circulação publicou a gravura duma *Sopa dos Pobres* em país rico do Ocidente, ora com desemprego e recessão em alta, o que não diz bem dos mentores e gestores da economia ocidental...!

Nesse dia, neste cantinho com muito sol, banhado pelo Atlântico, também acudimos a duas famílias no limiar da Miséria:

Escondidos do mundo, num caso cborámos com os que choram: «*Nunca pensei chegar a isto, a esta situação...!*» — lamento dum pensionista de setenta e dois anos que recebe apenas trinta e três contos por mês e sofre doenças que exigem medicação cara. Fala com voz embargada e, na descrição, pára vezes sem conta! Sente a sua desgraça no corpo, no espírito: «*Nunca pensei chegar a isto, a esta situação...!*» Desabafo que compreendemos, pois foi um homem que vivia na mediania pelo esforço do seu trabalho.

Mais adiante mãe solteira com os filhos criados sofre doloroso calvário de doenças (pela dura vida que levou para criar os filhos...?). Como aquele, também é mulher de fé. Quando a topamos, dita sempre uma invocação adubada pela iniciação catequética na meninice, que é Vida para vencer a morte! *Aviámos-lhe* uma carada de remédios, pois não teria hipótese de comprá-los na botica. Como tantos, padeceria a dor sem refrigério...! Vamos procurar dar-lhe uma muleta — que nos pediu — para suavizar o andamento, pois está limitada no andar pelos efeitos duma trombose: «*A muleta sempre m'alivia...!*» E tornaremos menos duro o seu calvário.

PARTILHA — Assinante 42971, de Ovar, com cinco mil, «*para os Pobres mais necessitados e mais envergonhados, ou como melhor entenderem, por uma intenção que Deus sabe*». Basta que Ele saiba!

O dobro, da assinante 9708, de Coimbra, «*pequeno auxílio na conta da farmácia — que deve ser grande*». Referimos acima, pelo menos, dois casos nestas circunstâncias.

Mais oito mil, do assinante 9790, de Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia): «*Pequena ajuda em cheque, agradecendo uma oração ao Senhor por uma intenção particular*». A força da fé!

Outros cinco mil, dum bancário, assinante 42037 de Lisboa. Retribuímos as «*saudações fraternas*».

«*Avó dos cinco netinhos*», de Setúbal, marca presença com a «*contribuição relativa ao mês de Maio*» (três mil escudos), «*com todo o carinho e pedindo a divina bênção*» para nós. Estímulos que retribuímos na mesma proporção.

Mais treze mil escudos da assinante 22490, do Porto, que por aqui passa de vez em quando com muita amizade.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO



Aqui, brincam os mais pequeninos da Casa do Gaiato de Santo Antão do Tojal.

TOJAL

MADRID — Na sexta-feira, 31 de Maio, fomos a Madrid. Seguimos 26 rapazes para o aeroporto em carrinhas da Europcar e, às 12.30h., o avião levantou voo.

Tivemos medo. Quando chegámos à Capital espanhola, fomos directamente ao palácio dos Reis de Espanha, sendo recebidos pela Infanta D. Cristina. Depois, para a embaixada portuguesa. Ai, merendámos. Finalmente, visitámos o Palácio Real onde vimos muitas coisas bonitas.

Já de regresso visitámos alguns monumentos. Uma jornada interessante, muito diferente. Obrigado a quem nos proporcionou esta viagem.

Paulo A. Ferreira Peralta

PAÇO DE SOUSA

PASSEIO — Os nossos rapazes foram a um passeio escolar à vizinha cidade de Paredes.

No cinema assistiram à exibição de um filme de banda desenhada.

Visitaram o Feira Nova e regressaram muito contentes, sinal de que tudo correu da melhor forma.

CONVITE — Alguns dos nossos rapazes receberam um convite para visitarem uma exposição sobre o medo. Naturalmente, ficaram assustados com algumas coisas, mas apren-

deram outras, de muita importância para a vida de amanhã.

PRIMEIRA COMUNHÃO — Vinte companheiros receberam a primeira Comunhão na Capela da nossa Aldeia. Estavam muito contentes por terem recebido, pela primeira vez, o Corpo de Jesus Cristo.

FÁTIMA — Uma parte da comunidade deslocou-se a Fátima. Ficaram muito satisfeitos, mas vieram queimados do sol.

Todos afirmaram que Fátima é linda. Grande. E tinha lá muitos sacerdotes.

Sérgio Paulo Pessoa Nunes

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — Nas escolas colocam vidros e portas. Em 25 de Maio, de manhã, na sala de jantar, encheram as placas.

ANIMAIS — Estão todos bem. A catatua que apanharam foi mudada para o largo do gado. A cadela Simba está pior porque presa e sozinha — o que ela não gosta muito...

PADRE FRANCISCO — Costuma vir a nossa Casa quando pode, falar um pouco de Jesus, mostrando-nos slides acerca da vida de Cristo.

BATATA E MILHO — A batata está grande. Não tarda a ser arrancada.

O milho foi semeado na terra do Poço novo e cresce bem.

FEIJÃO — Em 25 de Maio o Pedro e o «Pinta» semearam-no e acabaram o trabalho ao fim da manhã.

LAR DE COIMBRA — As aulas terminam a 14 de Junho, mas os do 7.º ano serão capazes de continuar até mais tarde.

No dia da Queima das Fitas os universitários fizeram uma espécie de rally e ofereceram produtos alimentares. Agradecemos.

Em 17 de Maio os escuteiros também nos deram boa comida, frutos, carnes... Obrigados.

Entretanto, dois senhores ofereceram 21 caixas de kiwis. Tornamos a agradecer.

João «Pequeno»

BENGUELA

DIA MUNDIAL DA CRIANÇA — Gostámos muito desta festa! É uma alegria vermos os mais velhos lembrarem-se de nós.

Assim aconteceu em nossa Casa, a 1 de Junho, Dia Mundial da Criança, no qual todas são lembradas. Houve festa no nosso salão que estava muito bonito. Convidámos as meninas do Lar de Santa Paula, das Doroteias, que, às vezes, costumam passear connosco; e também algumas crianças do Abrigo dos Pequeninos. O programa incluiu teatro, poesias, contos, adivinhas, anedotas, mensagens dos mais velhos, cânticos, etc. O nosso Padre Manuel participou.

Os rapazes ensaiaram com o mano Júlio, na preparação da festa. Mas, alguns, no próprio dia, estavam com vergonha e não fizeram o que havíamos ensaiado!

No fim comemos bolos e tomámos chá e sumo. O salão ficou enfeitado para 16 de Junho — Dia da Criança Africana.

CATEQUESE — Todos os sábados há Catequese orientada pelos seminaristas do Bom Pastor. A nossa carrinha vai buscá-los e levá-los.

Nesse dia também há reunião de chefes para sabermos

como decorreu a vida, em nossa Casa, durante a semana.

Agostinho Graciano

DESPORTO — É importante para o crescimento dos rapazes e do nosso clube.

Recebemos um grupo de seminaristas para um jogo integrado na festa da criança. No campo, os nossos rapazes sentiram-se derrotados e os seminaristas aborreceram-se: — *Oh, os gaiatos são estes rapazes?! Então já não vale a pena jogarmos porque não serão capazes...*

Mas no terreno aconteceu o contrário! Por pouco eles perdiam! O «Benguela» com a sua técnica e o César na baliza fizeram-nos estremecer.

O jogo terminou com a vitória dos visitantes por 1-0. Mas tivemos vantagem, mesmo derrotados...

Lourenço Sapalo

Trabalho Infantil

Continuação da página 1

Interna» no grupo de trabalho interministerial que se debruça sobre este magno e complexo problema.

O absentismo na fase da escolaridade básica não pode ser aceite como fatalidade. A Escola pertence a denúncia. Mas o poder resolutivo tem-no a Justiça. E a assistência social e as polícias um papel executivo das resoluções, quando não também no alertar para situações patentes nas ruas por onde uns e outros giram no cumprimento da sua função. Seria preciso uma conexão simples e rápida entre estas Autoridades para que o combate ao absentismo escolar resultasse eficaz, quer ele seja culpa das crianças e adolescentes, quer da responsabilidade da família.

Este «seria preciso» quer dizer que não há a dita conexão; e aqui temos uma meta a atingir depressa, buscando simplesmente a eficiência nos meios que há.

Quantas situações não conta o nosso historial de rapazes levados pela família e retirados da Escola, com uma razão que vai desde o brutal «não precisa da Escola para nada e tem bom corpo para trabalhar» até nenhuma justificação de um procedimento que, afinal, coincide inteiramente com esta asserção! E apesar da nossa resistência, da contestação do direito do acto praticado, quase sempre os Tribunais se vergam perante o facto consumado pela família, proprietária do menor, e confirmam mais um no trabalho infantil!

Padre Carlos

RETALHOS DE VIDA

«Pintinhas»

O meu nome: Carlos Manuel Dias Carvalho. Nasci a 2 de Outubro de 1981, em Falagueira (Amadora).

Abandonaram-me com dois meses de idade e, nesses poucos dias, ao que dizem, fui muito maltratado (...). Até me lançaram num caixote do lixo...

Fui acolhido por uma senhora amiga. Depois, já com dez anos — em Junho de 1991 — vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa e sinto-me feliz porque passou a ser a minha família.



Os meus colegas deram-me um apelido: «Pintinhas» — por ter umas sardas, na face.

Tendo agora catorze anos, volto a dizer que gosto muito de estar aqui. Tratam-me bem. Não me falta nada, graças a Deus.

Carlos

PASSO A PASSO

OS rapazes têm andado com sorte. Foram várias as saídas nestas últimas semanas: convites para exposições, idas ao cinema, uma viagem a Fátima para alguns da Catequese, e até uma visita a um hipermercado. Aqui é que a porca torce o rabo. Só faltava esta para actualizar e adequar a mentalidade dos rapazes aos tempos que vivem. Nunca pensei tal ser possível — uma visita escolar a um hipermercado!

Não se trata de pôr em causa o objecto da visita, mas somente o objectivo. Pois não é certo que as visitas escolares têm em vista a abertura dos alunos a valores culturais? Bem, bem vistas as coisas tudo está em sintonia, pois de facto o consumo, representado tipicamente pela figura do hipermercado, é um valor cultural dos nossos dias.

Estamos então nesta cultura, em que o material numa missão geralmente pouco elevada, se sobrepõe ao espiritual. Mas nós somos cristãos! Sabemos que o espírito é que dá vida! Os valores espirituais é que hão-de ser o primordial e a alavanca da vida humana. Mas, e se estamos a orientar as crianças no outro sentido?

É verdade que as coisas materiais nos podem conduzir às espirituais, aos valores humanos autênticos...

A semana passada, tivemos uns assaltos ao nosso pomar. Mal os pêssegos ganharam corpo e cor, começaram a ser visíveis da avenida da Aldeia. Então alguns deles bem vermelhinhos, eram uma tentação.

Os rapazes iam passando e olhando, e eu também. Um dia de manhã dei pela falta de pêssegos. Um dos pessegueiros tinha sido derrotado, como os rapazes dizem.

Posta em marcha a investigação, logo o responsável pelo pomar descobre os dois principais autores. Além destes, vêem mais cinco apanhadores de fruta não autorizados.

A sentença foi ditada: uma semana sem sobremesa para todos os sete. E agora é um consolo vê-los a virem entregá-la à nossa mesa no final das refeições. Toda a comunidade vê. Todos se interrogam. Todos aprendem — o domínio de si mesmos.

Como é importante, fundamental, para o homem ser homem, ter o domínio de si mesmo. Aprendê-lo a partir de uns simples pêssegos: eles a chamarem e nós a não irmos. Quando somos fortes. Quando conseguimos manter a distância. Quando o espírito que somos domina a matéria que também somos. Assim temos vida. Assim temos homem.

Padre Júlio



A Escola da Casa do Gaiato de Benguela

BENGUELA

Malária

O nosso Quim morreu. Tenho falado, muitas vezes, do paludismo e da gente que morre por causa da malária que esteve em vias de extinção, mas continua feroz e muito agressiva. Quase sempre a nossa enfermaria está cheia de pequenos doentes. Apesar de tudo, temos conseguido aguentar o embate e superar os casos mais complicados.

Desta vez, não pudemos. Um paludismo galopante, de campo coberto, como se diz, surpreendeu-nos e tomou conta do centro nervoso do Quim. A febre altíssima, acompanhada de fortes convulsões, não permitiu a recuperação do estado de inconsciência em que ficou prostrado. A doença levou-o em menos de 24 horas, apesar de todos os cuidados com que foi acompanhado.

Quase todas as famílias pagam tributo à malária, sobretudo com a morte de crianças. Vão umas atrás das outras. Chegou, agora, a nossa vez.

O Quim tinha nove anos. Uma criança frágil, é certo, mas não contávamos que a morte o levasse. Outros casos, aparentemente mais complicados, foram superados. Neste, não pudemos fazer mais. Deste modo ficámos mais pertinho do povo que, sem meios, vê seus filhos dizimados pelo paludismo.

Os mosquitos, veículo desta doença, têm condições excepcionais para se desenvolverem. A falta de saneamento, as lixeiras, águas estagnadas, clima quente e

húmido são campo aberto e favorável à sua proliferação. É necessário um trabalho de limpeza geral — e possível. Falta só vontade a sério de quem tem a responsabilidade pelo bem comum. É também um problema de falta de educação. Embora haja muita falta de medicamentos, poder-se-ia fazer muito mais para prevenir a doença. Da nossa parte, continuamos preocupados porque não conseguimos libertar-nos dos fortes ataques de paludismo. O vírus vai criando resistências aos medicamentos tradicionais. Deste modo, a defesa do organismo torna-se mais difícil. Vamos continuar a lutar.

Outra notícia

A Sonangol fez anos. É a grande empresa do petróleo, de Angola. Em dia de aniversário teve a gentileza de visitar a Casa do Gaiato, na pessoa dos seus representantes, trazendo uma lembrança para os nossos rapazes. Ficámos contentes pela visita e pela oportunidade que nos foi dada de apresentarmos uma proposta aos ilustres visitantes: a oferta de gásóleo para as actividades da Casa do Gaiato. Seria uma ajuda eficaz, ao alcance da Empresa, para uma Obra que procura gerar a riqueza mais importante dum país: fazer homens dos filhos da rua. Deste modo, a riqueza do petróleo ajuda a fazer outra riqueza maior.

A proposta foi aceite, em devido tempo, e já começou a ser cumprida. Bem haja, Sonangol!

Padre Manuel António

Tribuna de Coimbra

Somos testemunhas de gestos de partilha impressionáveis

DONA V. veio até cá. Almoçou e apreciou o carinho do Emanuel, um menino recém-chegado das bandas do Tejo-Norte. Depois, a visita «guiada» e, no final, o cheque para as obras.

Enquanto endossava, saía-lhe, forte e densa, como água correndo em

cascata: «Eu entendo que os bens devem ser repartidos com os que precisam...» E, com lisura, precisava: «É insensatez amontoar... Os meus filhos já sabem o que têm...»

É uma sabedoria adquirida a custo, quando temos por certo que a estas alturas ninguém chega facilmente.

Apesar disso, nós somos testemunhas de gestos de partilha impressionáveis. Gestos que nos confundem, de tão elevados que são.

Rasgos de alma; exorcismos oportunos de um certo espírito materialista avassalador e que tão subtilmente se instala nas consciências, mesmo as mais avisadas.

O mais novo traz prendinhas para os pequeninos

Alguém. O mais pequeno traz prendinhas para os mais pequeninos. Ele também, como eles, pequenino. A avó, modestamente vestida, conversa com a filha. Não discutem. Acertam números e uma delas assina o cheque. Não há contas separadas. Outro irmão, um adulto, sorri, feliz. Há acordo.

E que dizer daquele casal, que por amor ao filhinho que Deus lhe deu e não levou em hora de remédio impotente, já por duas vezes nos veio oferecer o equiva-

lente ao que julgariam gastar na boda do baptizado!?

Contrastes admiráveis! Nós somos testemunhas de grandes danos e sofremos. Mas também de grandes bens e bendizemos.

Mãos que se abrem e corações que se rasgam e curam... Que de outro modo nunca veriam tanta luz em suas vidas.

Saber que, nos alicerces das nossas obras ou no pão da nossa mesa se esconde tanta mão aberta e coração ferido, dá-nos vertigem, tão alto sentimos o andar.

É a presença misteriosa da mão de Deus. Presença indiscutível que, só por estes sinais de partilha, declaram a Obra propriedade Sua.

Padre João

Cantinho das senhoras

Esta mãe, em Malanje, está feliz porque tem uns filhos que são uns amores.

Tinha o cabelo um pouco grande e fui cortá-lo à cidade, às Irmãs Filhas de S. José.

Nós, em Malanje, não temos cabeleireiros. É a Irmã Amélia que trata disso a todos os missionários.

Quando cheguei a Casa, ao fim da tarde, os filhos dizem: — Mãe, está tão bonita! Andava de um lado para o outro e só ouvia dizer o mesmo!

Fiquei feliz e agradeci ao Senhor por repararem na mãe que tanto se preocupa com eles.

Obrigado, Senhor.

Maria Céu

MOÇAMBIQUE

Continuação da página 1

No terceiro mundo é que a situação aflige mais as gentes do primeiro e começa a mexer com as do segundo. Há um mundo delas. Para ser mais exacto, cerca de um terço da população desses países. Milhares delas mutiladas pelas guerras que os do primeiro provocam e os do segundo alimentam, tendo em vista o desenvolvimento das suas indústrias. Há uma multidão incontável a morrer penosamente na primeira infância devido a carências tão grandes que nem são admitidas nos animais domésticos, hoje em dia, nos ditos países civilizados. A criança daqui vale menos que lá cachorros e gatos. Mesmo assim fazem tremer certos organismos internacionais, com medo que sejam amanhã uma ameaça à estabilidade económica mundial, que os grandes países comandam. Há que estancar as fontes. Evitar a todo o custo a proliferação. Quantos milhões de mães, no Brasil e em Moçambique, países que conheço, já foram esterilizadas!

Ao arrepio de bem querer às crianças, que ainda há, aproveita-se uma data para lhes fazer festa. Juntando-se, até, os que pelos próprios pais ou a sociedade foram rejeitados, para lhes dar migalhas e fazer crer que alguém pensa neles... mas não os quer.

Porquê não ser o dia uma data para meditação profunda sobre a responsabilidade dos pais na educação dos filhos, em todas as suas facetas, numa sociedade de cuja degradação os próprios pais são ainda os únicos responsáveis? É mais cómodo fazer a festa porque um dia não são dias. As crianças continuam a ser o que nós quisermos.

As da Rua estão aí, em todo o mundo. «Eles os rejeitados» — como dizia Pai Américo. Eles os «moloenes do lixo» — como dizem aqui. Seres como nós, com os mesmos direitos, irmãos nossos por ironia. Por amor, a quantos pode abranger o nosso coração de Padres da Rua!

Padre José Maria



O bairro do Património dos Pobres mais florido que conhecemos

Festas

Setúbal

22 de Junho — Teatro Luísa Tody, SETÚBAL.

29 de Junho — Teatro José Lúcio da Silva, LEIRIA.

SEMPRE ÀS 21.30h

Espírito de Pobreza

«A nossa pobreza é a nossa riqueza.» Continuamos a apregoar esta expressão evangélica, saída do coração e da pena do Padre Américo, nas nossas Festas, através da voz e da arte dos nossos rapazes.

O espectáculo é uma das provas desta afirmação. Os rapazes transportam e montam os cenários, a luz e o som. Fazem-no gratuita e generosamente. Quanto nos custaria se encomendássemos este trabalho a uma empresa?

Os rapazes ensaiam, representam, dançam, declamam com alegria e magnanimidade. Mesmo que outros artistas os substituíssem, haveria sempre despesas extras. A beleza e a atracção e o encanto inocente dos quadros morreriam muito na figura de profissionais.

Um homem pobre é uma pessoa aberta. Sujeita, por isso, a todas as insídias do mal; mas a força da sua fraqueza não o faz temer nem recuar. Apesar de cair muitas vezes nas ciladas do inimigo jamais põe trancas à porta. Brinca e vive em diálogo permanente com a liberdade, e a responsabilidade, sua e dos outros. Daí que a Casa do Gaiato não tenha muros, nem brancos nem pretos, não tenha portas nem guardas, não utilize nos seus princípios de educação nem vigilantes nem directores. Não responda com as mesmas armas do inimigo aos ataques que ele lhe promove. A sua pobreza e a sua fraqueza são a sua força. Não é palavra viva a expressão do Apóstolo?: — *Quando sou fraco é que sou forte. E é na fraqueza que se experimenta a virtude?*...

Naturalmente que farei um balanço das Festas no seu final. O resultado é tão positivo e tão belo!

De Aveiro recebemos cartas de agradecimento e de elogio ao tema, as quais muito nos responsabilizam e encorajam. As ofertas de sal, fazenda e loiça, artigos de desporto, iogurtes e refrigerantes são o complemento e a confirmação dos sentimentos expressos, produtos regionais reveladores de muito carinho.

A presença do Vigário Geral da Diocese durante toda a representação e do Bispo no fim, o acolhimento das Rádios locais e regionais e de toda a Imprensa, com relevância para o *Comércio do Porto*, testemunham a força da virtude que anunciamos.

As salas cheinhas de gente que nos escuta e aplaude deixando os rapazes a transbordar de alegria, são também a demonstração inequívoca de que «a nossa pobreza é a nossa riqueza».

Padre Acílio

Outra grande volta

De novo, começámos pelo Alto Alentejo. A primeira visita foi ao bairro airoso daquela antiga Vila, encimada pelo castelo. Que boas impressões e recordações dali trouxemos!

Seguimos muitos quilómetros e parámos em cidade famosa pelos seus mármore. Procurámos a senhora — sempre atenta à vida dos Pobres. Orientou-nos bem. Visitámos algumas casas construídas há quase quarenta anos. Entrámos numa delas, muito bem arrumada. À porta estava a mulher — mãe que ali criou dez filhos. Na sala de entrada encontramos o marido, sentado, que já há anos ficou paralisado. Contou a história das suas vidas.

Na habitação vizinha um casal que também ali criou doze filhos. Quiseram comprar a casa ao Património dos Pobres e ofereceram-na aos pais. Os filhos doutro casal pensam fazer o mesmo. Abençoados sejam!

Novamente à estrada. Parámos em Vila acolhedora, muito célebre pelo seu santuário. O pároco e a presidente da Cáritas preocupados com a falta de habitações disponíveis para muitas famílias que conhecem. Também, por acolhimento para muitos deficientes sem lugar em hospitais e sem família capaz de os receber.

Ali deixou de passar o comboio, há anos, e as habitações do pessoal da CP, abandonadas, estão a arruinar-se. Deitando-lhes a mão a tempo, com pouca despesa voltarão a servir. A senhora falou com alguém

Património dos Pobres

que superintende na CP e foi bem acolhida. Está com esperança. Algumas casas para famílias e um bloco completo para doentes. Achámos bem o plano. Por esse Portugal fora há tantas residências abandonadas! Porque não havemos de abrir portas fechadas e dar-lhes vida?

Mais um percurso longo e toda a gente, daquela Vila, a quem perguntámos, conhecia «o bairro do Património dos Pobres. O bairro do Padre Américo. Está todo rodeado de flores». Nunca tínhamos encontrado coisa tão linda! Tantas flores a embelezar a vida dos Pobres! Naquele tempo um senhor da terra arrastado pelo Padre Américo e pelo pároco da freguesia, quis oferecer uma casa com o nome de cada filho. Nesse tempo havia famílias numerosas.

Daí, ficou aquele bairro com duas ruas. Os utentes não pagam renda. Têm a seu cuidado a conservação das casas.

Fomos parar, depois, ao Baixo Alentejo. Naquela Vila «o bairro do Padre Américo» é muito conhecido. Pagam renda, embora acessível. Uma moradia em obras, na chaminé. Cada um procura conservar a sua habitação. Sentem-se felizes.

Na sede doutro concelho vimos as moradias e falámos com os moradores. Ficámos com a impressão de algum abandono. Dão cinquenta escudos mensais, «alguns nem isso entregam», e entendem que deve ser a paróquia a fazer obras nas casas. Perguntámos se querem que a igreja vá roubar para fazer obras.

Com os mimos dum casal de conterrâneos, adoçámos um pouco alguns amargos do dia que chegava ao fim.

Padre Horácio

DOUTRINA



Desculpa, que não é por mal;
é fome e sede de Justiça.

FUI rogado para ir a certa cidade do País onde se pretende inaugurar uma *Sopa dos Pobres* e se julga ser necessária a minha presença. Para dar de comer a quem tem fome, não deve haver obstáculo que se não vença, nem distância que se não caminhe. Muito menos sacrifício que se não faça. Quem se aventura a lançar mãos ao arado, se alguma vez olha para trás, é somente para observar como fica a sementeira, que não para desanimar. Sim; irei.

PORÉM, leitor querido, vais ficar espantado do que te vou dizer: — Eu sou contra a *Sopa dos Pobres*! Eu que fiz o meu nome e que ganho a minha vida com ela; eu que a tenho distribuído com as minhas próprias mãos e que tenho aconselhado outros a fazer na mesma, a tal ponto que me tomam por mestre de *Sopas* e querem que eu vá fundar outras — eu sou contra a *Sopa dos Pobres*! Quando, por vezes, me calha distribuí-la, essa triste sopa das portarias a que chamam dos Pobres, cuido que também tenho culpa da pobreza ter descido a tamanha miséria e dá-me vontade de pedir perdão àquele homem ou àquela mulher que estendem o braço para a receber.

OH, nós não deveríamos nunca expor os nossos Irmãos ao injusto e imerecido espectáculo das *Sopas*, mas sim cada um sacrificar-se para que eles tivessem de que a fazer dentro da sua morada; eles, carne da nossa carne, em tudo e por tudo semelhantes a nós, excepto na fortuna! E tu cuidas que vales mais, só porque és mais afortunado — tu, infeliz!

A verdadeira hierarquia não destrói a igualdade baseada, como é, na identidade do ser. As categorias do Universo dão beleza ao Mundo, como as sociais dariam justiça aos homens se estes se não afastassem e tomassem cada um o seu lugar. «Já não há gregos, nem romanos, nem escravos, nem livres, nem ricos, nem pobres; mas todos somos um, alimentados por um mesmo pão» — ensina o Apóstolo.

EU sou um *revoltado* pacífico, um obreiro que chora e que procura todos os meios lícitos para aliviar a vida e matar a fome dos Irmãos. Por isso mesmo aceito a *sopa* das portarias como medida de emergência, sim; nunca, porém, para ficar como medida. Quando regresso das jornadas ao Lojão, ao Pátio dos Lázarus, ao Arco-Pintado, às Alminhas da Conchada, à Quinta do Poço, à Casa do Inferno — nomes tenebrosos, lugares clássicos do roubo, da prostituição, da vadiagem; quando chego dessas jornadas, digo, meto a cara nas mãos para chorar à vontade, não tanto a sorte destes Irmãos caídos, como a nossa falta em evitar que eles caíam, mai-la ausência de remorsos em passar sem fazer caso. Ou cuidará o mundo que salda esta conta com as *bichas* da *Sopa*?! O Mestre não ensinou assim. A lição do Samaritano ainda está na mesma página terrível e todos havemos de ser chamados à pedra.

TU que guardas nos teus cofres ou que desbaratas o património dos Pobres, tu hás-de ser chamado à lição! Quanto mais não vale o sistema de cozinhas económicas! As Criaditas dos Pobres, em Coimbra, têm feito a demonstração desta Obra. O movimento do mês passado foi de dez mil escudos. Elas recusam levantar o preço das refeições quando os preços dos géneros se levantam e mendigam a diferença para não molestar o Pobre. Elas são quem, em matéria de assistência, dá cartas em Coimbra, mas o povo haralha tudo e só vê o Padre Américo. E a tal ponto o sopram que, se ele não soubesse quem é e quanto vale, já teria arrebatado como tantos outros!

O. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)